Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20849
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

SEIS NOITES

RONALDO AUGUSTO

Ronald Augusto é poeta, crítico de poesia e ensaísta. Formado em Filosofia, mestre e doutorando em Letras pela UFRGS. Autor de, entre outros, Confissões Aplicadas (2004), Cair de Costas (2012), Decupagens Assim (2012), Empresto do Visitante (2013), Nem raro nem claro (2015) e À Ipásia que o espera (2016) e Crítica Parcial (2022).

vai um caminhão (umas luzes) pela rua debaixo
mas não é dele o arruar que escuto em meio ao escuro
o que se destaca embora de mistura
é o das ondas enormes que engordam a noite
enquanto esmurram a praia invisível
em claro rendidos ferros figuras a carvão
céu quieto pesadelo de dínamos noturnos
vem alguém por onde o caminhão
mas o pavimento civil impõe um solado átono
aos passos do bebum que retorna suspeitoso
como se calçasse as chinelas de outrem

*

vozerio de vazio verde-negro o abala-insetos
as frestas da porta os ângulos do banheiro
baratas aranhas escaravelhos a ver
os maiores indivíduos do conjunto solertes
junto ao soçobrar de
insalubres escarcéus humanos
de costas de flanco de boca para o chão
embrulhados em sono de enterrado vivo
e cheio de dedos nódulos viúvos
paga ao ansioso focinhar em fossos de um
côvado de lado defraudados aos mais eguns

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20849
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

*

ossos brancos apagados feito a noite
não aquela maior mas esta símile de langston
hughes não aquele maior mas este hughes
breve objeto verbal símile de mim
olhos brancos assoprados até a faísca
a cegueira rubra de aderaldo
a cifra do hades nas ranhuras de sua mão
trava-vias noctâmbula gravura em metal
negrume pelágico tumba de marinheiros
fenícios sem prerrogativa de *ultima verba*
carcaças enxotadas até a costa por delfins
lanterna à deriva em espuma nadir

*

sem termo o noturno azul-marinho ao redor
da luz fungível que encima o poste de concreto
vai um caminhão preenchendo a rua debaixo
nenhum trem a rasgar a escuridão em duas bagas
a noitada ruinosa investe contra o mato atrás da casa
esse corpo fechado se ensombra de verde-escuro
à hora da encruza a premeditação do despacho
sangue de vários transes vertido em tacho bojudo
que o bebum zebum bebe a maldizer como se um muxoxo
a fístula entre a hora grande e o orum
manto aleixo paramento arengolé belo que nem a noite
ou bem assim o povo de hughes símile de mim

*

sob o umbráculo indesejado das gentes indormidas
tamborilar de animaizinhos
granulosos no recuo do matagal
coisinhas cascas-finas ao pé de fungos recôndidos

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20849
Literatura
Data de publicação: 27 de setembro

panglossia de bebum egum sepulcro do boitempo
a aragem morna espana um punhado de jacintos
retinta clareira negativa jungida ao pano sujo das ondas
às margens da rua debaixo o remoinho que o caminhão
um tufo fino de asma na escuridade
enxame de exus o marchetado alvinegro dos sapatos
executando o miudinho arremates de
vermelho sobre o couro duro símile da noite

*

no encerro do bosque retumba a pele de juta
do boi umbroso amigado com o amuo do bebum
(que alcançou se safar das estranhas chinelas)
e cujos sobrepassos obrigam o caminhão que vai
pela rua debaixo a corrigir seu curso
na calada no claustro do vilarejo
constelado entre dois morros numinosos
e à beira do negror do revolto mar grande
enquanto o estrídulo chuvisco incha o brejo
o martelar do tanoeiro sobrenada nem funesto
nem menos distante